

## **O MARINHEIRO E SEU BARCO**

**Manoel de Andrade**

**Para Daniela**



**Ilustração de Cleto de Assis**

Lembro-me de um tempo imenso,  
de um menino de espumas e areia  
do mar que tive em minha infância.  
Depois a vida cresceu dentro de mim,  
as tardes me acostumaram com os barcos partindo  
e no meu pequeno peito nasceu um sonho de marinheiro.

Recordo que em mim tudo era barco  
e que a existência chamava-me de todos os portos do mundo.  
Recordo meus salgados olhos tatuados com invisíveis rotas  
navegando errantes sobre o horizonte.

Sim, há coisas tristes na vida  
como um sonho de criança  
quando morre em nosso coração de homem.

E hoje,  
quando vejo minha pátria naufragada  
e meu povo reconstruir com sangue

seu barco despedaçado,  
sinto que em mim renasce transformado  
o mesmo sonho antigo;  
então meu coração se banha com as águas amargas desses anos  
e penso naquele transparente canto de pérolas e algas  
que herdei de ondas remotas  
em tudo que em mim ficou de verde e de imenso;  
e sonho novamente com um visionário caminho para a vida,  
com seus barcos de pão e de peixes  
com gaivotas jovens  
e sua brancura abrindo-se com o amanhecer.

E penso o meu tempo  
com seus caminhos longos e difíceis  
e o sinto com a esperança das águas nas nascentes  
e seu deslumbramento da desembocadura.  
E mais além  
penso em um oceano com novas longitudes,  
em uma bússola de estrelas  
guiando meu povo a uma aurora boreal.  
E penso nesses povos antigos  
que partiram um dia em busca de uma terra longínqua,  
em busca de novos campos para suas sementes  
e de um berço de sol para seus filhos.

Ah irmãos!  
quantos mares desconhecidos nos esperam!  
Quantos caminhos até chegar à nossa sonhada Canaã!

Sim... há coisas belas na vida...  
como o homem com seu barco e seu destino  
como a alma extraordinária dos camaradas  
a ternura escondida em seus punhos  
e seus gestos de vida e de amor.  
E penso nesse porto ainda distante  
no trigo maduro  
na doçura das laranjas na próxima estação.  
Penso em uma iluminada manhã  
quando voltar a pisar o chão da pátria  
e abraçar minha filha bem amada.

Lima, dezembro de 1969